

SÉRGIO ZURAWSKI

Sérgio Zurawski nasceu em São Paulo, em 1934, filho de pais artesãos. Ingressou no Grupo Escolar Conselheiro Antônio Prado, SP, em 1941. Fez o Ginásio e o Curso Normal no Colégio Piratininga, instituição privada, devido à dificuldade, nessa época, de ingressar em instituições públicas. Mais tarde, fez complementação pedagógica e Faculdade de Belas Artes. Foi professor de escola rural, professor primário, professor de Desenho, e Diretor da Escola Estadual Tito Prates. Também foi responsável pela gráfica do Serviço de Seleção e Organização do Pessoal do Ensino, órgão da Secretaria de Estado da Educação. Aposentou-se em 1982.

Identificação do depoente

Meu nome é Sérgio Zurawski, eu nasci em 13 de fevereiro de 1934, em São Paulo.

Infância do depoente

Eu morei em São Paulo, ali no bairro de Santa Cecília, na Praça Marechal Deodoro. Era uma beleza. A Praça Marechal Deodoro, onde hoje passa o Minhocão, era considerada a Praça das Rosas, porque era uma plantação de rosas na praça inteira, vários canteiros, uma beleza. Morávamos num sobrado ali, eu, meu pai e meus quatros irmãos. Um irmão mais velho e três imãs.

Formação: Escola Primária

Entrei na escola quando completei os sete anos. Foi no Grupo Escolar “Conselheiro Antônio Prado”, ali na Barra Funda. Ia até lá a pé. Era a uns cinco quarteirões de casa; a minha irmã levava e, depois, ia buscar. Eu não senti, assim, choque nenhum. Foi uma coisa normal, foi uma adaptação. E depois engrenou. Foi uma seqüência natural começar a freqüentar a escola.



Fonte da foto: 3a. Conferência Nacional de Educação: 7 de Setembro de 1929. *Estado de São Paulo : Edifícios Escolares*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 1929.

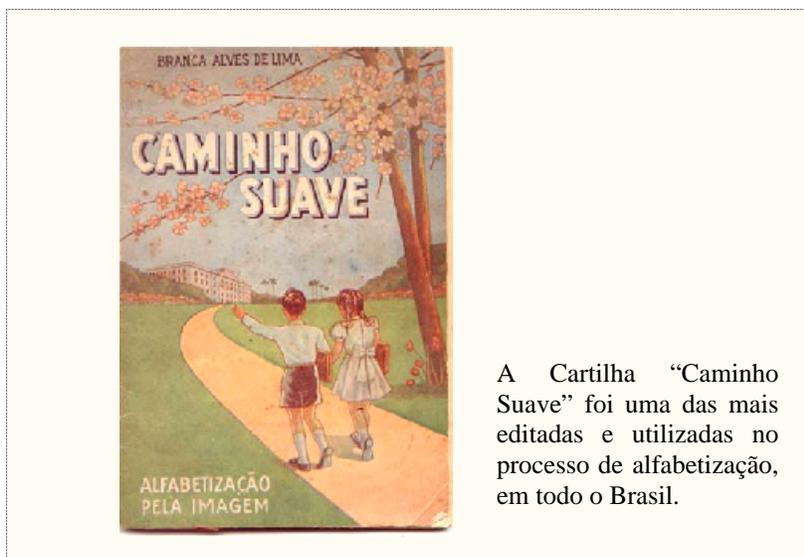
Escola Primária: Relação Professor-Aluno

A minha professora era a Dona Aparecida. Era uma senhora, ainda uma jovem senhora, muito chegada aos alunos. Transmitia aquela segurança para aquela molecadinha. Essa foi uma lembrança que me marcou, o jeito dela de se chegar aos alunos. Não maternalmente, mas com carinho. E ela nos tratava e nos orientava, talvez por isso tenha, não me causou nenhum choque, foi uma coisa até bonita o meu início na escolaridade.

Escola Primária: organização, currículo e métodos de ensino

Eu lembro que tinha partes de aritmética, linguagem. Tinha a cartilha, acho que era a Caminho Suave tradicional. Então, vinha aquela seqüência toda, que a gente tinha que estudar um bocado porque, depois, ela nos chamava ali na frente para ler e fazia a sua cobrança; a gente levava muito a sério. Tinha caligrafia*. Era aquele tradicional caderno de caligrafia obrigatório, e tínhamos que caprichar na letra.

O Primário do meu tempo, no canto da sala tinha um quadro com cartazes grandes. A gente abria, tinha lá figura de uma paisagem ou qualquer coisa assim, onde a gente fazia um trabalho de descrição, composição; tinha essa servente que eu falei que, de vez em quando, ia com o tinteiro lá preencher a tinta na carteira dos alunos; tinha nesse mesmo quadro de aritmética onde eram viradas as folhas e apresentava-se os problemas e tudo mais.



Escola Primária: Material Escolar

Eu tinha o estojo. Até o primeiro ano era só lápis e borracha; aí, no segundo ano, então, começava a usar caneta-tinteiro. Era uma caneta normal, com uma pena de metal e o corpo da caneta, onde a gente adaptava a pena. Tinha a servente que vinha com a tinta e preenchia o tinteiro nas carteiras. Porque

na carteira tinha o tinteiro. No começo borrava, até pegar o jeito. Era a iniciação.

Hora do Recreio

Era bem calmo, bem mais tranqüilo, com brincadeiras, onde a gente fazia o lanche. Naquela época não tinha cantina, o aluno levava o seu lanche. A gente ficava em grupinhos, uma tranqüilidade.

Leituras

Eu lembro que lá pela terceira série nós tivemos uma leitura... daquele livro Coração e eu só guardei esse nome do título, e era a história de uma família. Cada dia era lido um trecho desse livro. A professora lia um trecho, e depois cada aluno ia lendo também um trechinho. Cada dia era um trecho lido por um aluno.

Formação: Ginásio

Fui depois para o Colégio Piratininga fazer o ginásio. O que eu recordo é que colégio estadual nós tínhamos só o Colégio Roosevelt e a Escola Normal Caetano de Campos, e era muito difícil o ingresso nessas escolas. Então, até um pouco por comodismo, fui estudar nesse Colégio Piratininga, que era perto de casa.

Ginásio: organização, currículo e métodos de ensino

As matérias do Ginásio eram Português, Latim, História, Desenho, Matemática. Acho que era bem mais carregado do que hoje. Na primeira série tinha o francês, e o inglês a partir da segunda série. Não havia Laboratório. Todas as aulas eram ministradas na própria sala de aula, e não havia experiências a serem feitas em laboratório. A Educação Física era feita no pátio, a escola tinha uma quadra grande, local apropriado.

Em Desenho nós aprendíamos o... as figuras geométricas, o Desenho Artístico, o Desenho Decorativo. Nós iniciamos o Desenho Decorativo de bases gregas, fazia-se toda uma rede primeiro, o esquema para depois poder ir traçando.

Ginásio: Relação Professor-Aluno

Um professor que me marcou foi o professor Biaggio. Era professor de Desenho, e eu, como tinha um gosto pelo desenho, ele me influenciou até na decisão da minha carreira. E teve outros professores que, também, que me marcaram.

Escolha profissional

Um dos fatores que me levou a fazer o Normal é que ele já me habilitaria para eu exercer uma profissão no magistério, coisa que o Clássico* e o Científico*, na época, não favoreciam. Então, eu optei em fazer o Normal e já abraçar a carreira do Magistério, coisa que não me arrependo.

Curso Normal: organização, currículo e métodos de ensino

O Curso Normal da minha época não mudou muito. Eu tinha Sociologia, Psicologia, Didática. Lia Álvares de Azevedo. Em Psicologia aprendia aquelas teorias todas que até hoje acredito que tenham sido repassadas de turma para turma.

Freqüentavam mais moças, na minha turma tinha mais ou menos 30% de rapazes.

Ensinar na Alfabetização de Adultos

Eu comecei a lecionar, ainda quando estava cursando o Normal, naquele Serviço de Educação de Adultos.

Era um serviço em que eram ministradas aulas à noite, então tínhamos as quatro séries do Primário na mesma sala de aula. Então, nós trabalhávamos com as quatro séries ao mesmo tempo, era muito interessante. A gente se programava. Ia dando a tarefa para cada turma, deixava eles trabalhando e, depois, ia supervisionando. Dividia por fileira. Interessante que naquela época o número maior de alunos que eu tinha era de terceira e quarta série. E de primeira e segunda era um número menor. Então, dividia por colunas, fileiras, e a gente trabalhava tranqüilo.

A maioria era um pessoal que não teve oportunidade de fazer na época certa Grupo Escolar. Então recorriam a esses cursos para completar a sua escolaridade. Era fornecido um diploma e quando chegasse na quarta série esse diploma habilitava a prosseguir os estudos. Então, havia uma procura grande, a minha classe era 42 alunos.

Usava o método de alfabetização tradicional*, o mesmo com que fui alfabetizado. A alfabetização era por sílaba. Eles começavam, juntavam e ia fazendo. Aplicava, para aqueles iniciantes, porque os de segunda já desenvolviam por si. Eles já vinham até com um pouco de conhecimento. Era mais uma questão de você burilar eles e encaminhar mais para o caminho certo.

Ensinar na Escola Rural

Ingressei no bairro de Paraibuna, no Vale do Paraíba, entre Guaratinguetá e Cunha. Morei lá um ano, na roça. Tinha um pequeno núcleo de roceiros. A escola só tinha uma parede, do resto não tinha mais nada, e umas carteiras bem sofríveis. E tinha um roceiro que me alugava um quarto, não era bem um quarto, era um porão lá na casa dele, mas um porão habitável.

Tinha uma sala para quatro turmas: primeiro, segundo, terceiro e quarto ano. Era o mesmo esquema: uma fileira para cada série e íamos trabalhando. Com dificuldade de material e, enfim, de tudo. As crianças eram sofridas mas com aquele jeitinho de toda e qualquer criança. Na sua inocência, querendo saber alguma coisa. Foi gratificante.

Trabalho em Concursos Públicos do Magistério

Depois voltei para São Paulo e fui trabalhar no Serviço de Seleção e Orientação do Pessoal do Ensino (SESOPÉ). Foi quando o Estado resolveu começar a introduzir, para ingresso no Magistério, o concurso de provas e títulos, porque antes era só títulos. Então fui designado para trabalhar nesse setor também. Fazia aplicação de provas para os professores, inclusive trabalhei quando foi aplicado o primeiro concurso de provas do Estado. Os professores universitários elaboravam as questões para serem aplicadas na prova. E a minha parte era ligada à tipografia, a parte de impressão, confecção dos cadernos para a aplicação das provas. E também, quando foi introduzido o concurso, eu fui designado para ir a Marília aplicar prova na região. Os professores que prestavam essas provas estavam entrando na carreira. Também havia os substitutos, pessoal já ligado ao Magistério.

Formação: Faculdade

Com a evolução do sistema educacional, era necessário, para quem quisesse seguir uma carreira, fazer Pedagogia ou qualquer outro curso superior. Eu optei por Pedagogia porque eu já estava querendo assumir administração. Então voltei a estudar. Mas Pedagogia não era o meu ideal. Junto com Pedagogia, eu fiz a Escola de Belas Artes, onde me licenci em Desenho. Depois eu fiz a complementação em Administração ligado à Pedagogia. E mudou depois, de Desenho passou a ser Artes, aí eu tive que voltar à Faculdade e fazer a complementação de Educação Artística do 1º grau, depois do 2º grau. Aí, então, parei de estudar de vez.

Ensino Médio: organização, currículo e métodos de ensino

Então trabalhei no Colégio Estadual “Zuleika de Barros Martins Ferreira”, ali na Avenida Pompéia. Era uma escola muito boa. Um prédio recém-inaugurado, muito bonito, com todas as acomodações. Tínhamos até laboratório, mas que, infelizmente, na prática pouco era usado. Mas era uma boa escola. Lá eu era, ao mesmo tempo, assistente de diretor e dava aulas de trabalhos manuais. Ensinava primeiramente a parte de Desenho, as figuras geométricas. Porque era interessante que tinha aluno de quinta série que, às vezes, tinha dificuldade de saber o que era um triângulo, um quadrado. Depois ensinava a fazer pequenos trabalhos de marcenaria, mas tudo que se pudesse fazer em sala de aula. É uma pena que são pouquíssimas as que têm uma sala-ambiente para você fazer esse tipo de trabalho. Então, tudo era improvisado na sala de aula, tinha que tomar cuidado, pedia para levar jornal, forrar o chão para não sujar com alguma tinta ou alguma coisa, ou lasca de madeira que caísse.

O nível das crianças era muito bom. O pessoal já vinha com muita informação na época.

Educação e Regime Militar

A Educação foi, infelizmente, muito sacrificada. As escolas eram até vigiadas, foi obrigatória a introdução daquelas disciplinas de Estudos Brasileiros e Organização Social Política*. Os professores dessas matérias, inicialmente, eram ou militares ou ligados ao esquema de segurança. Então aquilo causava

um mal-estar nas escolas. Nós nos sentíamos, assim, meio tolhidos de nossa liberdade. Acho que a educação, também, nessa seqüência toda, depois da revolução sofreu muito.

A revolução, no meu ponto de vista, ao mesmo tempo queria demonstrar alguma coisa de grande para a nação, então começou a mexer: “Escola para todos, todos têm direito!” Foi quando começou a serem criadas muitas escolas no Brasil inteiro, principalmente em São Paulo. Mas sem a infra-estrutura necessária para receber essa massa toda de estudantes. Eu acho que deveriam ser abertas, lógico. Mas tínhamos escola com falta de professores, com falta de serventes, falta de inspetor de aluno, pessoal da secretaria administrativa, começou a faltar tudo na escola. Inclusive material.

Então eu volto ao meu Primário, de que falamos há pouco. Nesses 60 anos a escola não trouxe nada de novo. O quadro de figuras, até isso das escolas! Quer dizer, o professor continua com o giz e o quadro-negro, hoje que nós estamos na era da informática. Então, a educação, a escola, não avançou nesses 60 anos.

Trabalhar como Diretor de Escola

O trabalho de diretor ficou resumido à parte administrativa. Quando sobra um tempinho a gente pode até se dedicar à parte pedagógica, mas a gente até acaba se afastando um pouco dos colegas, de tanta burocracia.

Muita coisa que nem é função da escola fazer ela faz. Naquela época, nós tínhamos um teste visual. A escola tem que ver se a criança come, se não come: tudo bem, é um amparo social, mas não que a escola tenha que resolver esses tipos de problema. Que nem quando foi criado o Núcleo Básico, achava-se que a criança ia ficar na escola seis horas e iria resolver o problema porque a criança já passa a almoçar na escola. Tudo bem, almoça-se na escola, mas não é esse período de seis horas que ela vai ficar seis horas adquirindo conhecimentos, ou desenvolvendo esses conhecimentos. A criança esperava o almoço para, depois, ir embora correndo. E contava-se seis horas como permanência da criança. Então, os problemas sociais foram sendo jogados para a escola resolver, quando o primordial da escola era o pedagógico, os outros são complementares. Tinha, no Grupo Escolar uma assistente social que atendia, que ouvia os alunos. Hoje é o professor que faz isso, quer dizer, então, foram jogando uma série de tarefas para o professor fazer, isso acaba afastando ele de ministrar suas aulas, por mais força de vontade que ele tenha.

Condições de Trabalho do Magistério

Nós temos material humano de grande potencial, o que falta a esses nossos colegas é condição de trabalho, não só de trabalho material.

Eu lembro quando o salário de um professor de ginásio, colegial, era baseado em oito aulas semanais, depois passou para dez, 12, 16, 18 aulas com o mesmo salário. Quer dizer, cada vez mais a carga de trabalho foi aumentando e o salário se reduzindo. Então, como é que um professor que queira levar o

seu trabalho, corrigindo provas desses alunos, com turmas enormes, várias turmas, fazendo o seu trabalho honestamente e cobrando de seus alunos? Precisando arrumar lugar para dar aula, tudo fica para trás, esse é um problema sério, que o aluno às vezes sai de um colegial enganado, não por culpa do professor, mas por culpa do próprio sistema, que obriga a isso. O aluno: “Terminei o colegial, agora eu sou...”; infelizmente, quando ele sai aí na rua, ele vai ver que a situação é bem diferente, lhe falta conhecimento.

Aposentadoria

Quando venceu o meu tempo de serviço, eu aposentei decepcionado: não era isso que eu esperava num fim de carreira. Você chegar a se aposentar sem ter nenhuma melhora, nenhuma perspectiva. Então, eu resolvi: “Eu quero cair fora!” Porque os órgãos do ensino só faziam cobrança, estatística, e o aluno? É esquecido, fica relegado. Eles querem um trabalho demonstrativo, concordo, de produção. Quer dizer, a educação virou um tipo de produção. O aluno reprovou é prejuízo, está certo, é prejuízo, mas será que se esse prejuízo for bem trabalhado, depois ele não passa a ser lucro? Então, eu me afastei, aposentei com mágoa.

O Futuro da Escola

Na escola poderia estar tudo como está. Porém precisa equipar as escolas com biblioteca, laboratório, parte de administração, quadra esportiva. Então, aí sim, a escola iria se voltar para a parte de instrução. E todo esse pessoal de retaguarda, que voltasse a ter uma assistente social na escola, que o professor fosse só para ministrar aulas e um acompanhamento necessário junto a essa profissional. Então, eu acho que se uma escola, toda ela, for equipada, como o nome mesmo diz “uma escola” tem que ter tudo isso e essa retaguarda. Senão ela não vai funcionar como uma escola, vai funcionar como “tapa-buraco”.

Depoimento editado em abril de 2002 por Zilda Kessel

Glossário

Caligrafia

Termo de origem grega (*kálos*: beleza; *graphé*: escrita), designa a escrita manual em que se destacam a beleza, a uniformidade e a elegância, ou seja, a arte de escrever utilizando uma caneta ou outro instrumento de escrita para não apenas traçar palavras mas fazê-lo com o máximo de beleza e inteligibilidade possível.

O termo também é empregado, em sentido estrito, para designar o trabalho dos calígrafos. No século XVI, a caligrafia estava praticamente restrita aos diplomas, títulos e correspondência diplomática, aplicações que permanecem até hoje.

Praticada nas escolas, a caligrafia auxilia o aprimoramento da escrita, tornando-a mais clara e legível.

Fontes:

- www.atelierlucia.hpg.com.br
- Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo, Melhoramentos, 1998.

Clássico e Científico

Nos anos anteriores à primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB n 4024/61), o ensino era dividido em primário e ginásio (correspondente ao que se conhecia como primeiro grau, até a mudança dessa nomenclatura para ensino fundamental (1ª a 8ª série), conforme LDB 9394/96). Após o então denominado ginásio, havia o chamado colegial (posteriormente denominado de segundo grau e, atualmente, de ensino médio) que, por sua vez, era dividido em clássico (voltado para as ciências humanas) e científico (voltado para as ciências exatas).

Fontes:

- PILLETTI, Nelson. *Estrutura e funcionamento da Educação*. São Paulo, Ática, 1998.
- XAVIER, Maria Elizabete; RIBEIRO, Maria Luiza & NORONHA, Olinda Maria. *História da Educação: a escola no Brasil*. São Paulo, FTD, 1994.

Método intuitivo

O método intuitivo emprega a percepção imediata e direta, em vez de partir do pensamento reflexivo. Foi desenvolvido na Inglaterra e nos Estados Unidos ao longo do século XIX, e ficou conhecido como “object teaching” ou “object lesson”, por valorizar muito a intuição, a observação e a experiência dos sentidos.

Junto com a observação e a experiência, o método intuitivo privilegiava a aprendizagem através da ilustração e do desenho. Dessa maneira, a imagem tornava-se tão importante quanto o texto no livro didático, e os livros dirigidos ao ensino primário passaram a apresentar cada vez mais ilustrações e fotografias, inclusive nas capas.

No Brasil, o método intuitivo foi empregado primeiro através de alguns compêndios de “Lições de Coisas”, inspirados em similares franceses (“Leçon de Choses”), e ficou praticamente restrito aos grupos escolares, criados a partir de 1890. A proposta de centrar o processo educativo no aluno, no entanto, seria ampliada apenas décadas mais tarde por defensores da chamada Escola Nova.

Fontes:

- www.crmariocovas.sp.gov.br
- HARRIS, Theodore & HODGES, Richard. *Dicionário de alfabetização – vocabulário de leitura e escrita*. Porto Alegre, Artmed, 1999.

Métodos Tradicionais

Os chamados métodos tradicionais de alfabetização, tanto o sintético quanto o analítico, partem do pressuposto de que a criança nada sabe a respeito da língua quando inicia o processo de alfabetização na escolar regular.

Os processos sintéticos partem de elementos menores que a palavra, com fonemas, letras e sílabas. Os processos sintéticos iniciam a alfabetização fazendo correspondências entre sons e letras, entre a linguagem oral e escrita. A ênfase na análise auditiva, que ocorre no processo fonético, transforma a aprendizagem inicial da leitura e da linguagem oral. Esse processo concebe a leitura como codificação, ou seja, transcrição de unidades sonoras em unidades gráficas. Assim sendo, consideram essencial para a alfabetização a discriminação perceptiva, tanto visual quanto auditiva, e a habilidade motora.

Os processos analíticos se preocupam com a coerência e o significado do que vai ser lido ou escrito, se restringem a cartilha e não propiciam o uso social da língua escrita.

Tanto o processo analítico como o sintético não permitem a exploração, a escrita de novidades, o uso de palavras que ainda não foram aprendidas, impedindo, por exemplo, que o aprendiz explore e se aproprie do objeto conceitual que é a língua escrita.

Do ponto de vista escolar, nestes métodos, o educando aprende a reproduzir os estímulos apresentados pelo professor. Do ponto de vista conceitual, seu desenvolvimento é restrito, pois a aprendizagem foi contextualizada, centrada em situações artificiais, dificultando ao aluno o raciocínio e a transferência de seus conhecimentos para outros contextos ou seja, a generalização.

E as atividades propostas no método analítico e no sintético não dão oportunidades para as crianças testarem suas hipóteses.

Fontes:

- KATO, Mary. *“Aquisição da escrita e métodos de alfabetização”*. São Paulo: Revista, 1984.
- FERREIRO, Emília. *“Psicogênese da língua escrita”*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

Organização Social e Política Brasileira (OSPB)

Disciplina que a Lei nº 5692, de 1971, tornou obrigatória nos estabelecimentos de ensino do então chamado segundo grau (atual ensino médio). Sua prática deveria articular-se com a Educação Moral e Cívica, que apresentava entre outras finalidades:

A preservação, o fortalecimento e a projeção dos valores éticos da nacionalidade;

O fortalecimento da unidade nacional e do sentimento de solidariedade humana;

Culto à pátria, aos seus símbolos, tradição, instituições e os grandes vultos de sua história;

Compreensão dos direitos e deveres dos brasileiros e o reconhecimento da organização sócio-político-econômica do país.

Fontes:

- BRASIL. Decreto nº 68.065 de 14 de janeiro de 1971. Regulamenta o Decreto-Lei nº 869, de 12 de setembro de 1969, que dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades dos sistemas de ensino no País, e da outras providências. In: VILLELA, João Baptista. Ordenação em texto único das leis de diretrizes e bases da educação nacional e legislação conexa. Brasília, CFE; INEP; Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, 1983. pp. 35 – 37.
- PILETTI, Nelson. *História da Educação no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

Serviço de Educação de Adultos (SEA)

Foi instalado em 1947, como serviço especial do Departamento Nacional do Ministério da Educação e Saúde, para a reorientação e coordenação geral dos planos anuais do ensino supletivo para adolescentes e adultos analfabetos.

Uma série de atividades foi desenvolvida a partir da criação desse órgão, integrando os serviços já existentes na área, produzindo e distribuindo material didático, mobilizando a opinião pública, bem como os governos estaduais e municipais, além da iniciativa privada.

Fonte:

- HADDAD, Sérgio & DI PIÉRO, Maria Clara. Revista Brasileira de Educação: escolarização de jovens e adultos. Mai/Jun/Jul/Ago. São Paulo, Autores Associados, 2000.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.